

## **FACES DO RACISMO: A INVISIBILIDADE DA CAPACIDADE INTELECTUAL DO NEGRO NA FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA**

Laís Braga Costa (1); Marcel Jardim Amaral (2); Márcia Della Flora Cortes (3)

*Instituto Federal Farroupilha. E-mail: lbc.biblio@gmail.com (1); Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: amaral.marcel@yahoo.com (2); Instituto Federal Farroupilha. E-mail: marciadfc@yahoo.com.br (3)*

De(s)colonialidades, Epistemologias do Sul e Estudos Subalternos

**Resumo:** Este artigo visa analisar o contexto histórico e social em que está inserido o negro no Brasil e invisibilidade de suas contribuições no desenvolvimento cultural, científico e tecnológico para a memória social. Como resultado de uma histórica construção imaginária, a longo tempo, a memória não contempla as notáveis contribuições que foram legadas pelos negros, corroborando com uma sociedade e cultura excludente ainda calcada no eurocentrismo e que impacta no imaginário social sobre os espaços que a comunidade negra é projetada a ocupar. Como metodologia, esse estudo qualitativo recorreu a fontes bibliográficas fortalecendo a ideia de que temos um longo caminho a ser percorrido a fim de que haja, de fato, um reconhecimento e valorização da identidade negra nas diversas regiões do país, resultado de uma visão restrita e única, que apenas recentemente vem sendo alvo de reflexão.

**Palavras-chave:** Identidade negra. Memória social. Reconhecimento social.

## **Introdução**

Ao longo da história brasileira se percebe a constante exploração do povo negro. É bastante claro o papel dessa comunidade nos grandes ciclos econômicos da era colonial e imperial, desde os engenhos de açúcar no nordeste no século XVI, passando pela era de ouro em Minas Gerais a partir do século XVIII até as fazendas de café no centro-oeste e sudeste no século XIX, (como excluídos e explorados). A formação da sociedade brasileira é marcada por práticas socioculturais calcadas no colonialismo, que atravessam a formação cultural do brasileiro até a atualidade.

O presente trabalho tem o objetivo de discutir sobre a injustiça histórica que perpassou por gerações e, ainda hoje, repercute sobre o povo negro brasileiro, tendo em vista que seu legado permanece obscuro aos olhos da sociedade. Diante de tamanha contribuição para o desenvolvimento da cultura, da ciência e da tecnologia brasileira, cabe as instituições de ensino promover e difundir o conhecimento sobre a verdadeira história e legado dos negros, para além da força bruta, como a sua importância para o desenvolvimento social e sustentável. Ainda, esse trabalho aborda as consequências da falta de reconhecimento sobre a identidade do negro no Brasil. Esse artigo recorreu à pesquisa qualitativa bibliográfica, a fim de subsidiar a discussão teórica sobre a relação estabelecida entre a formação social e a identidade negra no Brasil.

## **A invisibilização de saberes negros**

A elite branca no Brasil romantiza o processo abolicionista em 1888 com a exaltação da Princesa Isabel nos espaços de educação formal, influenciando brancos e negros do país, a crerem que a África resume-se a ser um país não desenvolvido e/ou atrasado.

No poema “Lei Áurea” Assumpção (2000:39) ironiza este processo ao recitar “Viva a Princesa Isabel! Viva à senhora redentora! Agradecimento profundo à bondosa princesa que em maio nos deu de bandeja a Lei Áurea. Lei Áurea, verdadeiro cheque sem fundo.”

Sabe-se que a escola e os meios de comunicação perseveraram difundindo uma percepção positiva da situação do negro pós-abolição no Brasil, através do incentivo dos sujeitos à meritocracia, bem como a projeção do dito “racismo inverso”. Destaca-se em especial todas as críticas realizadas e relacionadas ao papel do negro para a sociedade, como, por exemplo, novelas, obras televisivas em geral.

Com base nessa afirmação é possível refletir sobre a história única relacionada ao período da escravidão no Brasil, onde se tem como verdadeiro que os negros escravizados possuíam característica selvagens conforme relatam algumas obras renomadas da literatura brasileira, como

por exemplo a obra de Monteiro Lobato (1926) publicada em partes para o “Jornal Amanhã” denominada “O choque das raças” que foi renomeada para “O Presidente Negro” onde o reverenciado autor, deixa evidente seu incômodo com a miscigenação e o papel social do negro quando há ascensão social: “Solução medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças díspares”.

Em consonância a isso, a história ensinada pelas instituições de ensino praticamente não possibilita imaginar, aprender e compreender e, por meio do senso de alteridade, a construir empatias e identificação da população com os negros. Pode-se citar o fato de que apenas no ano de 2017, a biografia de Mahommah Gardo Baquaqua, negro nascido na África, no início do século XIX, e escravizado no Brasil, foi publicada em português. Essa mesma obra foi lançada em 1854, nos Estados Unidos pelo próprio Mahommah, o qual tinha conhecimentos em literatura e matemática. Portanto, a obra permaneceu por mais de 150 anos desconhecida pelos brasileiros, provando que somente a pouco tempo essa temática vem despertando interesse e sendo estudada pelos brasileiros. Com a inclusão de temas como esse em disciplinas escolares, é possível construir socialmente a imagem de negros para além do contexto da escravidão.

As teorias que legitimaram a “superioridade” da raça branca, fundamentadas no eurocentrismo, na maioria das vezes, assumem postura de desprezo a outros pertencimentos raciais. Essa cultura racista simplifica o espaço dos negros às funções subalternas, onde o silêncio e a omissão de manifestações de preconceito racial são ativos e residem no interior dos estabelecimentos e/ou instituições, além de cada sujeito.

Freyre (2007, p. 372) menciona em sua obra que o negro era colaborador do branco se referindo ao trabalho braçal que esse desempenhava. A escolha do léxico “colaborar” para se referir a exploração dos negros pelos brancos, confere um tom irônico à afirmação, visto que, os escravizados eram cerceados em seu poder de escolha quanto ao trabalho que desenvolviam. No entanto, a comunidade negra foi muito mais que uma mão de obra barata, além de marcar a música, dança e culinária brasileira promoveu um ganho cultural, científico e tecnológico, diferente da forma como a “história única” se dissemina sobre o período escravagista no Brasil e, mostra a atuação do negro na sociedade, como o trabalhador braçal, o executor, e nada além disso.

Se tomarmos como exemplo o Rio Grande do Sul, dificilmente a representação do gaúcho na mídia hegemônica compreende também a população negra, pois o que se difunde sobre o estado é apenas a influência do europeu, conforme reafirma Leite (2012):

O fato marcante desta discussão é que toda a historiografia do Sul do Brasil subestima a presença dos negros. Mesmo o Rio Grande do Sul, que teve um sistema escravista significativo (cerca de 27,3% da população de 1860 era escrava), é considerado como um estado branco, europeu, no Brasil. (LEITE, 2012)

Devido a equivocada e histórica visão perpassada pela mídia e meios de comunicação oficial, é corriqueiro que brasileiros, em outras regiões do Brasil país, pensem que o estereótipo dos gaúchos não inclui afro descendentes. Observa-se que apesar do negro ser um dos mais importantes grupos sociais que possibilitou o desenvolvimento do estado, sua trajetória e contribuição não é valorizada, com poucas menções e recentes reconhecimentos na área cultural.

Feito esse breve apanhado histórico, cabe salientar personagens afro-brasileiros que deram contribuições importantíssimas para o desenvolvimento da ciência e tecnologia no Brasil, como os engenheiros André Rebouças e Teodoro Sampaio e o Médico Juliano Moreira.

André Rebouças destacou-se na engenharia hidráulica, com a implantação de docas no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão. Segundo Cunha, (ano, p. 12) André ainda “implantou junto com seu irmão, o também engenheiro Antônio Rebouças, o sistema de abastecimento de água do Rio de Janeiro- Realizações que o posicionaram como uma das maiores autoridades brasileiras em engenharia hidráulica.”.

O túnel Rebouças que liga a zona Norte à zona Sul do Rio de Janeiro é uma homenagem ao seu trabalho e ao de seu irmão pelo desenvolvimento da engenharia no Brasil. Além da contribuição no campo científico-tecnológico, André Rebouças foi um dos principais militantes do movimento abolicionista e responsável por diversos artigos contra a escravidão. Foi também um estudioso da questão agrária e a sua conexão com o processo de inclusão social dos ex-escravos, chegando a escrever um projeto de legislação que previa o assentamento de ex-escravos em terras do Império e iniciativas educacionais para a inserção desses na sociedade. (CUNHA, [200-?], p. 13)

Teodoro Sampaio foi referência na medicina nacional, atuando como diretor do Hospital Nacional dos Alienados e graças a ele foi aprovado uma lei de assistência aos doentes mentais. Destacou-se também como um notável pesquisador científico da Sociedade de Medicina e Cirurgia Baiana.

Juliano Moreira, durante sua brilhante carreira intelectual, publicou mais de uma centena de títulos entre trabalhos científicos e de outra natureza, temos em destaque: Assistência aos Alienados no Brasil (1906), Lês maladies mentales au Brésil (1907), A contribution to the study of dementia paralytica in Brazil (1907) e A evolução da medicina brasileira (1908). Seus trabalhos tiveram reconhecimento internacional. Juliano Moreira foi membro de inúmeras instituições científicas internacionais como: a Antropologische Gesellschaft, de Munique; a Société de Médecine, de Paris; a Médico-Legal Society, de Nova York; e a Médico Psychological Association, de Londres. O Hospital Colonial Juliano Moreira, em

Jacarepaguá, é uma homenagem à trajetória vitoriosa desse afro-brasileiro em prol da medicina no Brasil. (CUNHA, [200-?], p. 14).

Teodoro Sampaio foi outro negro que destacou-se na ciência e tecnologia, como engenheiro civil, contribuindo também para o desenvolvimento de uma das mais importantes instituições de ensino superior do Brasil, a Universidade de São Paulo (USP).

Na trajetória desse importante intelectual brasileiro constam: a reconstrução do velho prédio da Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus em Salvador; a sua eleição como Deputado Federal; a publicação de obras importantes como O Tupi na geografia nacional (1901), Atlas dos Estados Unidos do Brasil (1908), A posse do Brasil Meridional, e outros. Sua nomeação para diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da recém-inaugurada Universidade de São Paulo (USP) foi muito importante para o fortalecimento da principal universidade do país, uma vez que foi responsável pela vinda de grandes intelectuais internacionais para compor o corpo docente da USP. (CUNHA, [200-?], p. 14).

Observa-se que além dos nomes citados acima, muitos outros contribuíram para o desenvolvimento do país, em diferentes áreas. Entretanto, a memória social que caracteriza-se por ser a essência do conhecimento coletivo de um grupo, no qual o passado é construído de forma simbólica, com traços que identificam a sociedade, pouco abordam com positividade as realizações dos negros, que normalmente são vistos como meras vítimas da escravidão.

De acordo com Santos (2010), os conhecimentos oriundos da luta social, pouco são abordados pelas universidades, pois nelas há, quase que exclusivamente, a possibilidade de acesso ao conhecimento a partir do ponto de vista daqueles que venceram os conflitos, ou seja, os dominantes. Logo, os conhecimentos que as universidades reproduzem não dão voz aos movimentos populares e sim aos opressores. De acordo com o conceito de epistemologia do sul, deveria haver acesso na universidade também para o conhecimento dos vencidos e não apenas aos de vencedores. Corroborar com essa ideia Brandão (2010), quando afirma:

A ausência de um pensamento crítico e de construção pós-colonial nos reporta ao que pode ser denominado “a metáfora da ausência do Pai”. Desse nó, intuo que suceda a crise de identidade nacional, a crise de projeto de futuro, a escassez de respeito e o déficit de reconhecimento da civilização e da população descendente de africanos em nossa história social. Como a história brasileira é protagonizada de maneira suprema pelos lugares e agenciamentos indo-europeus que atravessam os numerosos equipamentos da máquina do Estado (o direito, a educação, a medicina etc.), segue, daí, a importância de se discutir o lugar do Herói de face negra, bem como projetos de educação afirmativa. (BRANDÃO, 2010, p.43)



Em se tratando do debate sobre as contribuições do negro na formação da sociedade brasileira, cabe salientar que cada cultura e cada civilização tem seus valores agregados às lutas e conquistas. Logo, alguns tem o seu valor desmerecido por razões políticas, conforme afirma Brandão (2010):

Cabe uma reflexão sobre por que não encontramos, durante a nossa formação nos cursos de graduação em ciências – engenharia, química, física, biologia etc. – informações sobre os saberes e fazeres dos povos africanos. Estes saberes e fazeres são ocultados para justificar a colonização, a apropriação das riquezas e do conhecimento e a destruição daquele continente por parte do Ocidente. (BRANDÃO, 2010, p. 39)

Destaca-se a contribuição fundamental do povo negro frente a questões relacionadas ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, resultado de um esforço intelectual praticamente desprezado pela sociedade brasileira, conforme enfatiza Brandão (2010):

É fato que na África existe uma rica história de conhecimento científico, descobertas e invenções que antecedem o surgimento da civilização europeia: a descoberta do tempo, o controle do fogo, o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas, a linguagem e a agricultura. Nada no século 20, segundo o autor, contribuiu tanto para o desenvolvimento da humanidade como esse conhecimento da matriz africana – nem a chegada à lua, a descoberta do DNA ou a energia nuclear, a televisão ou o laser, e nem mesmo o automóvel. (BRANDÃO, 2010, p. 38)

A ausência da memória social sobre o negro frente a questões que refletem a intelectualidade do povo escravizado, é uma prática naturalizada. Historicamente, a sociedade, dita culta, impõe que a contribuição intelectual nas diversas áreas do conhecimento provem da Europa, e não da África. Esse tipo de discurso está arraigado na cultura brasileira e a perpetuação dele se mantém através da disseminação de informações que reproduzem, como afirma Adichie (2009) uma história única do povo africano.

### **Considerações finais**

A sociedade brasileira, ainda hoje, não abarca em sua memória social, as grandes contribuições dos povos negros, oriundos de diversas localidades e que tanto contribuíram para a cultura, ciência e tecnologia que se desenvolveram no país e, portanto, configuram uma face do racismo ao manter na invisibilidade a sua capacidade intelectual. Essa falta de reconhecimento, acarreta diretamente na constituição imaginária da sociedade e identidade do povo negro, que não é valorizado e reconhecido.

Diante disso, observa-se que ainda estamos submetidos a uma cultura, “considerada legítima”: a branca. Considera-se, socialmente, que o descendente europeu possui as melhores qualidades e é o grupo com maior status social e, por isso, a representatividade nos principais papéis da sociedade é branca, bem como o padrão estético e, naturalmente, é também atribuído a ele o progresso científico e tecnológico brasileiro. Dessa forma, atribuir o desenvolvimento social ao negro não seria um papel tradicional, uma vez que a cultura branca, colocada como superior, tem a função de perpetuar a ordem social natural.

### Referências

- ADICHIE, C. **O perigo de uma história única**. 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br)>. Acesso em: 12 maio 2016.
- BRANDÃO, Ana Paula (Coord.). **Modos de fazer**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. 132 p. (A cor da cultura ; 4)
- CUNHA, Lázaro. **Contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal**. [200-?]. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/contribuicao-povos-africanos.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2018.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 43 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Quilombos ainda existem no Brasil**. 2008. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/3041>>. Acesso em: 01 mar. 2018.
- LEITE, Ilka Boaventura. **As classificações étnicas e as terras de negros no sul do Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/As-classifica%C3%A7%C3%B5es-%C3%A9tnicas-e-as-terras-de-negros-no-sul-do-Brasil.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2016.
- LIMA, Miguel. **A trajetória do negro no Brasil e importância da cultura afro**. 2010. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Historia/monografia/3lima\\_miguel\\_nonografia.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/monografia/3lima_miguel_nonografia.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2016.

PROJETO Baquaqua: memória e história de uma trajetória diaspórica: M. G. Baquaqua, escravidão e abolicionismo no Brasil e América do Norte. Disponível em: < <http://www.baquaqua.com.br/>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

